

RESSURREIÇÃO

9-4-44 Abril

Decore a Páscoa d'êste ano, uma vez mais, entre o fragor da batalha.

Naquella tarde agitadíssima em que pregaram o Cristo na Cruz, diz-nos a Escritura que tudo se obscureceu, o sol apagou a sua luz e a terra estremeceu violentamente nas entranhas dos seus fundamentos. E, enquanto o traidor estrebuchava, dependurado pelas próprias mãos dos ramos duma figueira, desciam os judeus a encosta ensangüentada do Calvário, batendo pesadamente no peito. Dos lábios do doce Rabi da Galileia, condenado e morto por ter feito o bem, ecoavam entretanto as misteriosas palavras de amor: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem».

Dois mil anos passados, não brilha de novo o sol nas trevas do mundo. A terra estremece de pavor e os corações aflitos reclamam dos senhores da terra o arrependimento dos erros cometidos. Há muito quem bata no peito; e há traidores preparando a corda na agitação febril de longos pesadelos. O sol não rasgou porém ainda sobre nós a mais pequena neblina de esperança, na solidão escura dos nossos desvarios. A guerra pode terminar depressa talvez, mas onde estão as certezas duma paz, digamos simplesmente, da Paz?

No Calvário da Humanidade — longo e sangrento Calvário! — não tem faltado quem recorde aos homens o caminho único da paz. Mas não querem os orgulhos nacionais escutar as palavras de perdão da boca agonizante de Jesus.

Ao terminar da outra guerra, um sábio e bondoso Pontífice, a quem o Levante reconhecido ergueu, em plena Constantinopla, majestosa estátua com esta inscrição: «Ao grande Pontífice da tragédia mundial, Bento XV, benfeitor dos povos sem distinção de nacionalidade, ou de religião, como perene sinal de reconhecimento, o Oriente — 1914-1919», um sábio e bondoso Pontífice, iam dizendo, escrevia nos primeiros dias da horrorosa carnificina: «pedimos ardentemente aos que dirigem os destinos dos povos, que inclinem desde já os seus corações para o esquecimento das questões que os dividem, para que se promova a salvação da sociedade humana. Que considerem que demasiadas misérias e lutos esmagam já esta vida mortal e que não há razão plausível para torná-la ainda mais miserável e triste».

Um ano depois, em 1915, a mesma voz se fazia ouvir pela terra inteira: «Bendito seja aquêle que primeiro erguer o ramo de oliveira e estender a mão ao inimigo, oferecendo-lhe a paz em condições razoáveis! O equilíbrio do mundo, a tranquillidade próspera e segura das nações, repousa sobre a mútua benevolência e sobre o respeito dos direitos e da dignidade alheia, muito mais do que sobre a grandeza de poderosos exércitos ou sobre a cintura de formidáveis fortalezas».

Ao findar da guerra, Bento XV dirigiu-se à Alemanha e pediu-lhe que desterrasse de si «todo o sentimento de ódio, tanto para com os estrangeiros contra os quais tinha combatido como para com os compatriotas dos diversos partidos. O ódio deve ser substituído pelo amor fraterno, que provém de Cristo, e que não conhece barreiras, nem fronteiras, com lutas

de classes. De novo repetimos o nosso voto de ver todos os homens e todos os povos unidos conjuntamente pelo amor cristão, sem o qual todo o tratado de paz será letra morta».

E aos franceses escrevia o mesmo Pontífice meses depois: «devemos excitar em nossos corações esta dupla caridade para com Deus e para com os homens mesmo que estes tenham sido ou sejam nossos inimigos. (...) Se os corações e os povos se não reconciliam entre si, dificilmente se poderá esperar a cura dos tremendos males causados pela guerra, e a estabilidade da paz».

Em 1920, a ano e meio depois do Armistício, verificando o caminho errado que os homens seguiam na preparação da paz, de novo Bento XV

exclamava: «Se quasi por tôda a parte se pôs um termo à guerra, se foram assinados tratados de paz, a verdade é que não se extirparam ainda os germes das antigas discórdias. E não tenhais dúvidas de que tôda a paz será instável, apesar das longas e laboriosas negociações dos seus autores e do carácter sagrado das assinaturas apostas, enquanto que uma reconciliação inspirada pela mútua caridade não apaziguar os ódios e as inimizades».

Não se fez a reconciliação, não se cuidou de reabilitar o Amor. O actual Pontífice, nas vésperas do dia tremendo em que outra vez se pôs o mundo em guerra, ainda escrevia ansiosamente, numa derradeira esperança: «Se os homens voltassem a experimentar as doçuras d'êste amor, e descansassem nêle, nasceria finalmente no mundo o sol radioso da paz».

Resta-nos no entanto uma expectativa, e todos falam de um mundo novo. Mundo novo que seja como que uma Ressurreição do mundo orucificado e morto entre os horrores desta guerra. Mas êsse mundo só pode ter uma base sólida — a base da universal fraternidade. Enquanto os homens explorarem outros homens, enquanto os povos fortes desprezarem os direitos dos povos fracos, enquanto o orgulho estabelecer barreiras entre raças e raças, e cada um procurar apenas a sua própria utilidade e proveito, tôdas as esperanças de paz se afogarão em lágrimas e em sangue.

Cristo proclamou a lei verdadeira de todo o comércio humano: «amai-vos uns aos outros». Não haverá paz sem o cumprimento desta lei. Contra ela se têm erguido os povos e os indivíduos, contrapondo-lhe uma outra lei, um outro ideal: a lei da luta pela vida, o ideal do eu, da divinização pessoal do indivíduo. Mas não! o ideal não somos nós, cheios de vícios e de mentira, cheios de maldade e de perfidia. O ideal é Cristo!

O famoso Cardeal Mercier, cuja nobre atitude, ao lado daquela assumida pelo cavalheiresco Rei Alberto, cobriu de glória a martirizada nação belga, escrevia, a êste respeito, em 1918, meses antes da assinatura do armistício, esta página admirável:

«O mundo intelectual cortizou Kant (o filósofo da exaltação do eu). Mesmo os franceses, tão hostis por temperamento nacional, à dominação

germânica, tinham feito ao genial ganhador, as honras do seu Panteão filosófico. E eis que o orgulho pangermanista se transforma no castigo da Europa. Sem dúvida o pangermanismo sobobrará na armadilha estendida por êle aos outros, pois que tal é a lei tantas vezes recordada nos salmos de Davide: o pérfido tombará nas suas malhas.

«As guerras do Império fizeram expiar à França os grandes crimes da Revolução Francesa: Napoleão I, Cônsul e Imperador, também teve horas de glória, mas Waterloo marcou o seu desmonoramento. A França tem sofrido desde então: amputada em 1870, receamos que tenha de sofrer ainda por muito tempo. Mas o instrumento da vingança providencial será por sua vez, cêdo ou tarde; mutilado e quebrado. Não tenho dúvidas nenhunas a êste respeito, embora só a Deus pertença marcar a hora e o modo do castigo.

«E depois, perguntar-me-eis?—De pois? Só Deus sabe o que acontecerá. Talvez que a Providência divina prolongue os nossos sofrimentos, até que as Nações, esmagadas e esgotadas, caiam de joelhos aos pés do divino Crucificado e lhe digam: *Attende Domine et miserere quia peccavimus tibi* — Ouve-nos, Senhor, e compadece-te de nós que pecamos contra ti».

Domingo de Páscoa! Domingo de Ressurreição!

Pudessem os homens compreender que não haverá nem paz nem tréguas entre êles, enquanto dos lábios febricitantes d'êste mundo ensangüentado e chagado não saírem as palavras que ecoaram pelas quebradas da Judeia naquela tarde de tragédia em que mataram o Cristo — as palavras do amor e do perdão!

Não é na vingança, nem no aniquilamento nem no ódio, que o mundo poderá ressurgir.

Se tem de se salvar, só o salvará o perdão e o amor.

ABEL VARZIM